



CINEMA NA SALA DE AULA: UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DA DISCIPLINA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM

TAVARES, Anna Maria Fornalski¹ - UFPR

LAROCCA, Liliana Müller² - UFPR

Grupo de Trabalho: Educação e Saúde
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

De acordo com a literatura, a dinâmica fílmica no contexto escolar é uma estratégia pedagógica na construção do conhecimento crítico. O objetivo geral nesse trabalho é expor o cinema, identificando ou não seus elementos verossímeis representados em determinados períodos históricos, de forma a motivar o público alvo (os alunos) na apreensão da realidade concreta, estimulando a reflexão e o raciocínio crítico, bem como a autonomia intelectual. Tratando deste tema, esse estudo tem como referencial teórico e metodológico Walter Benjamin e Marc Ferro, além do seguinte material didático: “Como usar o cinema na sala de aula”, do historiador Marcos Napolitano e “Enfermagem: História de uma profissão”, das enfermeiras Maria Itayra Padilha, Miriam Süskind Borenstein e Iraci dos Santos, perfazendo as maneiras de se abordar o cinema no contexto de sala de aula - mais especificamente na disciplina acadêmica de História da Enfermagem -, usado como um artefato tecnológico no processo de ensino-aprendizagem escolar. Contudo, é de parecer da pesquisadora Arlene Keeling [199-?] que a História da Enfermagem tem uma ampla gama no que confere à identidade profissional. Em suma, tem-se como resultados que à medida que se conhece a história de uma profissão, como no caso a de Enfermagem, percebe-se sua relativa importância no campo da saúde, assim como em relação aos seus compromissos sociais. É com esse raciocínio que a história deixa brechas a fim de: delinear e identificar quem são, o que pensam, o que sentem, como agem as Enfermeiras e, ainda, quais as perspectivas relacionadas ao que enfrentarão ao longo da vida como um grupo profissional antenado.

Palavras-chave: Enfermagem. Cinema como Assunto. Tecnologia Educacional.

¹Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Membro do Grupo de Pesquisas em Políticas, Gestão e Práticas em Saúde. E-mail: anna_mft@hotmail.com. Curitiba – PR.

²Professora Adjunta da UFPR. Doutora em Educação. Orientadora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Vice-líder do Grupo de Pesquisas em Políticas, Gestão e Práticas em Saúde. Curitiba - PR.

Introdução

Apesar de o cinema estar engajado nos meios culturais há pouco mais de uma centena de anos, o mesmo começou a ser usado como recurso didático na escola tempos depois. Contudo, houve um aproveitamento ideológico e de valores sociais, sendo respaldados mediante dinâmica de cultura transformadora desenvolvida (NAPOLITANO, 2010).

Ademais, vale destacar que a utilização de filmes no âmbito acadêmico permite estabelecer um diálogo variado, complexo, multidisciplinar, fora dos moldes e limitações impostos pela teoria, ou seja, há a promoção do debate em sala de aula, estimulando a reflexão e o raciocínio crítico, bem como a autonomia intelectual (NAPOLITANO, 2010).

Tais diálogos geram discussões capazes de externar as experiências pessoais dos alunos, propiciando um novo olhar do educando para o objeto de estudo. Destacamos, porém, que a prática “cinema em sala de aula” necessita de coordenação e planejamento do profissional docente para ser efetiva (NAPOLITANO, 2010).

Para tanto utilizamos como referencial teórico e metodológico Walter Benjamin e Marc Ferro, respectivamente, para reconhecer o cinema como agente de transformação cultural e a narrativa cinematográfica como produto cultural. Nesse processo, temos como objetivo geral expor o cinema, identificando ou não seus elementos verossímeis representados em determinados períodos históricos, de forma a motivar o público alvo (os alunos) na apreensão da realidade concreta.

Além disso, os objetivos específicos são os seguintes: motivar o estudante de Enfermagem à participação, aliar cinema/teoria, bem como desenvolver o perfil crítico e inovador do mesmo. Desta forma, o objeto deste estudo foi a utilização da produção fílmica como estratégia de ensino-aprendizagem para o estudante de Enfermagem.

História versus Produção fílmica no meio pedagógico

No final do século XIX, dois irmãos franceses Louis e Auguste Lumière fizeram o que hoje conhecemos como a sétima arte, o cinema. O filme era composto por uma película com cenas “fotográficas” dispostas em maneira lógica e em movimento com velocidade constante, típicos do gênero do cinema mudo, muito próximo à realidade e com um profissional projetando-as em uma tela grande, o cinematógrafo (NAPOLITANO, 2010).

Na história, o trabalho com o cinema na pedagogia escolar tem como finalidade trazer à tona a representação fílmica com elementos verossímeis de determinados períodos históricos, incentivando o público alvo na pesquisa histórica até para fazer críticas e problematizar as questões distorcidas relacionadas à imagem representada, isto é, muitas representações fílmicas acabam projetando elementos contemporâneos de fatos históricos em suas películas, o que são conhecidos como anacronismos (NAPOLITANO, 2010).

Todavia, essa atividade prática, “cinema em sala de aula”, segundo o historiador Marcos Napolitano, para ser efetiva, requer que o professor coordene não só as escolhas dos filmes a serem trabalhados, mas também que participe ativamente na construção de raciocínio crítico dos alunos relacionando os temas envolvidos dos filmes com o conteúdo a ser discutido, personagens, valores históricos, políticos, existenciais em debates, bem como utilizar outras atividades na avaliação do aluno e do processo para a exploração desse raciocínio crítico. Pelos motivos explicitados acima que o historiador foi utilizado como um dos referenciais teóricos e metodológicos nesse estudo (NAPOLITANO, 2010).

A escolha do filme então necessita ser pautada por planejamento, a fim de chegar ao melhor direcionamento da disciplina ministrada, como o lugar em que o filme ocupa na história, por exemplo, bem como a cultura geral e audiovisual da turma. Assim, a atividade didática com o cinema poderá ser realizada com um roteiro de análise no horário da aula com o filme na íntegra ou em partes, ou extraclasse como atividade em grupos de alunos previamente formados pelo professor (NAPOLITANO, 2010).

O roteiro de análise em questão serve para subsidiar e situar o tema abordado em aula com o intuito de ser informativo ou interpretativo, objetivando trazer à tona o maior interesse do aluno nessas atividades dinâmicas. Um roteiro informativo faria com que o aluno procurasse as partes técnicas da produção fílmica: nome do diretor, nacionalidade, ano de produção, nome dos autores, gênero e tema central, sinopse da história, lista dos personagens principais, suas características e funções dramáticas (NAPOLITANO, 2010).

Já no roteiro interpretativo, o mesmo vai além da parte técnica, agregando à ficha técnica do filme uma análise em que o aluno irá desenvolver seu raciocínio crítico diante do material cinematográfico na reconstituição prévia da história. Sendo assim, o professor poderá desenvolver uma gama de questões assertivas ou interrogativas com relação às características mais importantes do filme a ser trabalhado, relacionado ao conteúdo ministrado expositivamente, e objetivando a maior assimilação de conteúdo do aluno, realizado conforme

o planejamento do professor, a fim de otimizar o trabalho com a produção fílmica (NAPOLITANO, 2010).

Se no planejamento do professor não estiver incluso a atividade fílmica em grupo, o mesmo poderá promover um debate individual em classe acerca do filme. Entretanto, os alunos mais extrovertidos ou mais experientes, maduros podem roubar a cena e os mais introvertidos acabarem por não terem a sua participação ativa, efetiva (NAPOLITANO, 2010).

Então, cabe ao professor realizar esse debate de modo mais democrático, provocando os alunos menos participativos a realmente entrarem no debate. Outro contratempo que pode ocorrer em classe seria o nível de discussão chegar a um ponto de “achismos”, em que o professor necessita ser o mediador e articulador das discussões, a fim de evitar esse nível de discussão, o que com bom senso no trabalho com o cinema, em paralelo com a faixa etária dos alunos, a priori, resolve a questão (NAPOLITANO, 2010).

Contudo, é de parecer da pesquisadora Arlene Keeling [199-?] que a História da Enfermagem tem uma ampla gama no que confere à identidade profissional. Em suma, à medida que se conhece a história de uma profissão, como no caso a de Enfermagem, percebe-se sua relativa importância na vida, no campo da saúde, assim como em relação aos seus compromissos sociais. É com esse raciocínio que a história deixa brechas a fim de: delinear e identificar quem são, o que pensam, o que sentem, como agem as Enfermeiras e, ainda, quais as perspectivas relacionadas ao que enfrentarão ao longo da vida como um grupo profissional antenado (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Por sua vez, a Enfermagem quando estuda a sua história, necessariamente incorpora e se aproxima da interdisciplinaridade, e pela política da boa vizinhança entre os profissionais e seus conhecimentos específicos, não somente com relação ao historiador, mas também: antropólogo, sociólogo, psicólogo, filósofo, entre outros; pois sem os mesmos não há possibilidades de uma compreensão como um todo dos processos históricos da construção dessa profissão (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Influências positivas do contexto fílmico em sala de aula: Resultados e discussão

Segundo a literatura, há profissionais que estão diretamente envolvidos com a questão escola/cinema pautado por livros que auxiliam na melhor utilização didática do cinema em

sala de aula, tais como: “Filmes para ver e aprender”, “A história vai ao cinema”, “Como usar o cinema na sala de aula” (PEREIRA, 2011).

Na aprendizagem acadêmica dos enfermeiros, por exemplo, o filme também se aplica como recurso estratégico pedagógico, na medida em que desenvolve o perfil crítico e inovador do estudante, bem como a maior participação dos alunos, isto é, é um artefato dinâmico, constituído de entendimento do conteúdo fílmico através da teoria, que permite a experiencição dos universitários em práticas sociais e culturais (SILVA; SANTOS, 2009; TOURINHO; VIEIRA, 2011).

Outra concepção da utilização didática do filme com o público discente condiz com a estratégia da Racionalização, ação pela qual os acadêmicos passam pelo processo de aprendizagem interiorizando a prática construída teoricamente não só pelo professor, mas também pelo conteúdo fílmico que pode abordar conceitos nunca antes visto. Na medida em que a obra fílmica traz à tona uma aprendizagem não conhecida, agregada ao coletivo, com interesse comum e uniforme, ela se torna benéfica no desenvolvimento do aluno e ajuda o mesmo a lidar com diversas situações (SILVA; SANTOS, 2009).

Portanto, a produção fílmica, utilizada como recurso estratégico de ensino-aprendizagem para o estudante, torna-se a imagem da teoria e da prática de Enfermagem, motivada por uma atenção maior em aprender a pensar, principalmente quando estiverem no ambiente da assistência hospitalar, em que poderão se defrontar com dificuldades na atuação e contato com os pacientes (SILVA; SANTOS, 2009).

A possibilidade de avaliar com mais afinco as questões éticas relacionadas ao cuidado de saúde prestado aos indivíduos exigem, a priori, experiência e a tomada de decisão, em que a mesma deve ser racional. Então, a produção fílmica pode proporcionar esse debate, que é experienciado estimulando a avaliação crítica e o entendimento efetivo das narrativas e necessidades particulares dos pacientes, ou seja, o uso do cinema nos eventos bioéticos forma uma feliz estratégia de ensino-aprendizagem de humanização ao abordar problemas morais, como aqueles referentes à eutanásia, ao direito à vida, rompendo com as barreiras do aprendizado tecnicista, alienado (DANTAS; MARTINS; MILITÃO, 2011).

Então, a tecnologia cinematográfica é um fator favorável à estratégia pedagógica, é inovadora, e transformadora na medida em que nos faz repensar, refletir nas atitudes que podem ser apreendidas no mundo fictício e transferí-las ao mundo real de maneira crítica e humanizada. No que se refere ao professor estudar os fatos e simbologias que estão por trás

da produção fílmica corresponderia a atuar pedagogicamente de forma efetiva nos dias atuais (FISCHER, 2007; TAPAJÓS, 2007).

Em suma, reforçando que a produção cinematográfica quando bem utilizada, ou seja, com a finalidade de transmitir conteúdos verossímeis do passado, fortalece o aprendizado escolar como forma de construção da aprendizagem histórica, consciência histórica, que na verdade é o objetivo do ensino da história (ABUD, 2003).

Em meados da década de 1930, o filósofo Walter Benjamin foi um dos pioneiros a pensar o cinema como arte, por isso Benjamin é um dos autores referência para a elaboração do presente estudo. O filósofo acreditava que o cinema era um instrumento de transformação cultural, sendo a arte a serviço do aprendizado, na medida em que transforma os sujeitos antes alienados em sujeitos pensantes. Em resumo, Benjamin (2002, p. 93) dizia que: “[...] o valor histórico do cinema como a arte é sua capacidade em transformar a história” (MARTINS *et al.*, 2008, p. 07).

Sabendo que, de certa maneira, um dos modos de se adquirir experiência na Enfermagem pode ser pautada em recursos midiáticos, Walter Benjamin (2002, p. 16) diz que: “a máscara do adulto chama-se experiência”; recorremos, então, na escola (assim como implementado no ensino superior) o cinema como forma de se obter “experiência” docente, com a prática fundamentada na teoria (MORAIS, 2004).

O historiador Marc Ferro na década de 1970 foi o pioneiro da utilização fílmica como fonte histórica, por isso ele é um dos referenciais teóricos e metodológicos utilizado nesse estudo, e já explicava que a narrativa fílmica era não aleatória, não necessariamente aparecendo literalmente o conteúdo fílmico para quem está vendo propriamente dito, ou seja, com todas as nuances e detalhes que quem o produz pretende repassar ao espectador. Contudo, fazendo uma análise profunda do filme e considerando a linguagem cinematográfica do mesmo, pode-se fazer um recorte daquilo que o filme quer passar a quem está assistindo, e também verificar determinados anacronismos (MARTINS *et al.*, 2008, p. 07).

O historiador salienta que: “[...] o cinema é um instrumento do progresso científico”, utilizado tanto no militarismo (como propaganda do poderio bélico do armamento do inimigo) quanto nas ciências da saúde (com o objetivo de se retratar como se deu o processo de cuidado ao longo dos tempos) (FERRO, 2010, p. 38).

Ferro, então, reitera que o contexto do filme é extremamente relevante, ao passo que o tempo que se pretende mostrar no mesmo não necessariamente é o tempo no qual se originou (PEREIRA, 2011).

E enfim as cortinas se abrem para a História do Cuidar a partir de obras cinematográficas

No que se refere ao cuidado à época do homem primitivo, como pode ser visto no filme “A guerra do fogo”, segundo a literatura, está conectado com a necessidade da sobrevivência. Então, pode-se dizer que o mesmo baseava-se no instinto, fazendo com que o homem primitivo observasse os animais, descobrindo que eles quando feridos lambiam suas feridas - para aliviar a dor e eliminar as infecções -, comiam ervas - que têm função purgativa e emética -, submergiam as lesões nas águas, entre outros. Nesse momento o homem das “cavernas” começa a relacionar a doença com efeitos sobrenaturais ambientais, que só seriam convertidos em cura através de ritos e encantamentos (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011; OGUISSO, 2007).

Posteriormente, com o ser humano já vivendo em sociedade, o mesmo foi paulatinamente mesclando-se em povos com culturas diferenciadas, tais como: modo de vida, crenças religiosas e filosóficas. Os egípcios, por exemplo, e o processo de mumificação *versus* imortalidade, como verificado através do filme “Cleópatra”, deixou diversos tratados de saúde em papiros. Padilha, Borenstein e Santos (2011) expõem e analisam que houve um resultado positivo em toda a complexidade envolvida nesse processo (mumificação): a realização atual de estudos para a descoberta de diversas patologias, bem como entender o processo de bandagem com ataduras.

No que consta ao papel da mulher na antiguidade, a mesma nos países orientais, como no Egito, por exemplo, gozava de maior liberdade, dignidade e certa autoridade, como verificado no filme “Alexandria”. Assim como é reiterado por Padilha, Borenstein e Santos (2011), não há menção em documentos da existência de hospitais, nem de enfermeiros em específico, mas sim de outros profissionais que faziam a prática do cuidado: sacerdotes, médicos, entre outros profissionais.

Já os palestinos (hebreus) tem sua história enunciada na Bíblia, deixando como legado o Código de Hammurabi – em que havia regulamentado os cuidados quanto à saúde pública geral. Há citações de que as amas de leite eram uma das cuidadoras dos enfermos. Todavia, as parteiras judias eram importantes, pois orientavam os cuidados de higiene das mães e de seus

bebês, além de estimularem o parto de cócoras (realizado em um tamborete de forma circular). Tratando deste tema, Padilha, Borenstein e Santos (2011), relatam que Débora é a primeira Enfermeira (cuidadora) citada na história (GÊNESIS, Capítulo 24), em que a mesma era cuidadora dos enfermos da família de Rebeca.

De acordo com Padilha, Borenstein e Santos (2011), havia resquícios de relatos da existência de Enfermeiros na história da Grécia e da Roma antiga, e mesmo assim, eles eram do gênero masculino, cabendo às mulheres cuidar de crianças, serem amas e parteiras (os médicos só realizavam partos mediante alguma anormalidade ou complexidade). Nos cardíacos os enfermeiros cuidavam da alimentação regrada do paciente e em casos renais, da ingestão de altas quantidades de líquidos.

Também havia uma preocupação que, provavelmente foi a precursora dos princípios higienistas da enfermeira e naturalista Florence Nightingale (como verificado no filme “Florence Nightingale”): a limpeza dental, assim como a limpeza das roupas e camas, isto é, para esses profissionais, a doença não se originava de coisas sobrenaturais, mas sim pela não observância das leis naturais. Então, o médico deveria ajudar o paciente a restaurar seu equilíbrio natural encontrando também um remédio natural, em que esse conhecimento possivelmente deu origem à profissão de Enfermagem (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

No que concerne ao último continente conhecido e explorado - a América -, seus povos que o habitavam, tais como: os incas, maias, astecas e toltecas, eram bem desenvolvidos com relação aos cuidados de Enfermagem e farmácia, que se misturaram às práticas de curandeiros (assim como pela sugestão do significado do próprio prefixo da palavra, eles tinham como função curar as doenças da mente e do corpo). Como em outras civilizações, esse povo acreditava que as doenças ocorriam pela ira dos deuses e que a saúde era o equilíbrio do homem com a natureza e o sobrenatural (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Em suma, abordar o cuidado especificamente da “Enfermagem” na Antiguidade ainda é algo um tanto quanto incompleto e misterioso da medicina antiga.

Já no caso de estudar a Idade Média entrelaçada à Enfermagem com a intervenção de conteúdos fílmicos e investigação bibliográfica, como por exemplo, no filme “Em nome de Deus”, seria uma viagem e um artifício favorável retratando a época em questão, ou seja, cerca de 1000 anos, proporcionando paisagens familiares aos estudantes, por exemplo, ao ver

através de uma animação sobre esse tempo e essa sociedade remota, fazendo comparações com a moderna (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Segundo Padilha, Borenstein e Santos (2011), a amplitude temporal do medievalismo é questionada, com a ausência de marcadores que identificassem de pronto tal período, bem como nas práticas de enfermagem empreendidas durante a Idade Média, o que dificulta compreender a saúde diante dessa complexidade temporal (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

A criação das universidades foi a prova de se dar a importância da busca incessante pela cientificidade das práticas até então realizadas, mesmo que vinculadas à Igreja, sem a expansão desse conhecimento além dos mosteiros, como verificado no filme “O nome da rosa” (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Enquanto na Europa, já na Idade Moderna, houve um progresso na cientificidade das ações em saúde, principalmente em Enfermagem, as citações históricas indicam que no Brasil, ainda colônia de Portugal, o avanço foi tão ínfimo que ficou estagnado por cerca de 300 anos, pois as práticas de saúde eram empíricas e desenvolvidas somente por pessoas leigas. Assim como na Europa, a profissão médica já havia garantido seu *status*, porém a de enfermagem, antes exercida por religiosos, passou a ser atividade de mulheres sem prestígio social algum (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Essa característica na profissão trouxe suas consequências que se refletem até hoje, como a desvalorização da categoria profissional. Contudo, o século XIX foi marcado por diversas transformações na área da saúde, com enfoque na área de enfermagem, culminando na organização de hospitais, e uma maior preocupação com a saúde pública brasileira (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

No decorrer da História, após a sindicalização dos profissionais de Enfermagem, a década de 1950 mostra o processo de intelectualização da Enfermagem no mundo. No Brasil, por exemplo, são discutidas a divisão do processo de trabalho em intelectual e prático, administrativo e técnico, bem como da própria divisão da categoria em classes, o que decaiu um pouco com relação ao seu devido prestígio social. Na atualidade, a enfermagem é quase sinônimo de mercadoria que, pelo seu alto preço, as pessoas mais abastadas que o detêm de forma completa, mesmo havendo uma constituição “assegurando” que a saúde é um direito de todos os cidadãos (como verificado no filme “Políticas de saúde no Brasil”). Então, nesses 30

anos de História da enfermagem, foram incansavelmente reivindicadas o reconhecimento formal da profissão (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Já no final do século XX e início do século XXI, mais especificamente nas décadas de 1990 e 2000, foram marcos temporais de transformações nos setores político, econômico, social, bem como na saúde e na enfermagem, enquanto prática social inserida nesse contexto, período esse verificado no avanço distorcido ou não da ciência nos seguintes filmes: “O jardineiro fiel”, “Código de honra”, “Wit: uma lição de vida”, “O óleo de Lorenzo”, “O enfermeiro”, entre outros (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Considerações Finais

Com relação aos estudos desenvolvidos – referentes à História da Enfermagem -, mesmo em quantidade mínima, se comparados com os das demais áreas, revela a significância da perspectiva histórica para a Enfermagem. Tal expressão refere-se ao fato de se atingir, através desse conhecimento, um público cada vez maior, utilizando-os também como bibliografia básica para o ensino da disciplina acadêmica História da Enfermagem (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Todavia, sabe-se que a História da Enfermagem ainda se encontra em processo de sedimentação e aumento significativo na área do ensino e da pesquisa. Porém, a mesma necessita reconhecer as limitações visíveis na sua produção científica a nível nacional, mesmo encontrando-se em acelerado desenvolvimento quanto aos estudos de natureza sócio-histórica, que por trás desse pano de fundo há a “reconstrução” dos saberes, constituintes dos contextos históricos e culturais específicos, inclusive o de um campo de saber e prática da enfermagem, bem como a produção fílmica, por exemplo (PADILHA, 1991; PADILHA, 2004 *apud* PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Esperamos que as contribuições do desenvolvimento desse estudo permitam fomentar, então, a construção de um perfil profissional inovador e prestar subsídios para uma aprendizagem mais dinâmica, imbuída de qualidade ao mediar práticas sociais e culturais; estimulando e favorecendo a formação de Enfermeiros contextualizada na sua historicidade e dinamicidade.

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. M. A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. **História**, São Paulo, SP, v. 22, n. 1, p. 183-192, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742003000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 02 out. 2012.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. GÊNESIS. **Capítulo 24**. 42. ed. São Paulo: Ave Maria, 1982.

DANTAS, Anielle Avelina; MARTINS, Carlos Henrique; MILITÃO, Maria Socorro Ramos. O Cinema como Instrumento Didático para a Abordagem de Problemas Bioéticos: uma Reflexão sobre a Eutanásia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, RJ, v. 35, n. 1, p. 69-76, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022011000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 ago. 2012.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, 244p.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, p. 290-299, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782007000200009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 16 ago. 2012.

KEELING, Arlene. **Position paper on history in curriculum**: preparing nurses for the 21 st. century [199-?]. Disponível em: <<http://aahn.org/position.html>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

MARTINS, Ana Paula (Coord.) et al. **O cinema na sala de aula**: uma abordagem didática. Curitiba: UFPR, PET-História, 2008.

MORAIS, Ronaldo Queiroz de. Na prática docente a teoria se desmancha no ar: a resistência a teoria no espaço-escolar. **Educação**, v. 29, n. 01, p. 37-47, 2004. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reveducacao/article/download/3869/2232>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

OGUISSO, Taka. **Trajetória histórica e legal da enfermagem**. 2. ed. Barueri: Manole, 2007.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. **O resgate das raízes**: a influência da formação familiar e social na escolha e no exercício da enfermagem. 1991. Tese (Livre-docência) – Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Unirio.

PADILHA, M. I. C. S. **A instrumentalização de docentes para o ensino da história da enfermagem nos cursos de graduação do Estado de Santa Catarina**. Projeto em desenvolvimento, aprovado pelo CNPq. Florianópolis: UFSC, 2004.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; BORENSTEIN, Miriam Süskind; SANTOS, Iraci dos. **Enfermagem**: história de uma profissão. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2011.

PEREIRA, Lara Rodrigues. A Abordagem Didática do Uso do Cinema em Sala de Aula. **Colóquio "Ensino médio, história e cidadania"**, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/EnsinoMedio/article/view/2342>>. Acesso em: 02 jul. 2012.

SILVA, Carmen Maria dos Santos Lopes Monteiro Dantas da; SANTOS, Neiva Maria Picinini. A imagem da teoria e da prática de enfermagem em filmes: uma análise à luz dos depoimentos dos estudantes. **Revista Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 14, n. 2, p. 332-339, abr./jun. 2009. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/download/15626/10397>>. Acesso em: 02 jul. 2012.

TAPAJÓS, Ricardo. A comunicação de notícias ruins e a pragmática da comunicação humana: o uso do cinema em atividades de ensino/aprendizagem na educação médica. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, n. 21, p. 165-172, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832007000100017&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 02 jul. 2012.

TOURINHO, Maria Antonieta; VIEIRA, Rosane. História e cinema na escola. **Rumores**, 10. ed., ano 5, p. 154-165, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51257/55327>>. Acesso em: 02 jul. 2012.